

Entre religiões e negócios, a sobrevivência*

M A R I A J O S É F E R R O T A V A R E S

Professora catedrática aposentada. Universidade Aberta
mariajosetavares@gmail.com

Resumo: Quando D. Manuel decretou a unidade religiosa, definindo a religião cristã católica como a única permitida em Portugal e obrigou os Judeus e os Mouros a receberem o baptismo ou estes últimos a abandonarem o reino, estava longe de supor que a sua política religiosa seria em muitos casos um insucesso. Embora baptizados e frequentando a igreja muitos destes ex-Judeus e ex-Mouros permaneciam no interior dos seus lares, outros na sua consciência, na sua fé ancestral. Orando ao Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob ou invocando Alá, os neófitos afirmavam-se o “outro” na sociedade portuguesa e mantinham vivas as tradições da sua fé. A liberdade era alcançada pela fuga para outras paragens, a Europa ou o Norte de África. Os negócios permitiam a saída e a liberdade religiosa era encontrada nas cidades italianas, no império turco ou em Marrocos. Entre duas religiões, em busca do Deus verdadeiro e da salvação da alma, os cristãos-novos viviam divididos entre o “ser” e o “não ser”. Alimentava as partidas e as chegadas a assumpção de uma identidade, bebida no leite materno, desejada e receada.

Palavras-Chave: Judeus, mouros, neófitos, diáspora, religião, negócio.

Abstract: When king Manuel I proclaimed the religious unity, defining Roman Catholicism as the only religion allowed in Portugal and imposing that Jews and Moors should be baptized or leave the kingdom, he was far from imagining that his religious politic would be unsuccessful in many cases. In spite having been baptized and attending church services, many of these former Jews and former Moors still maintained their ancestral faith inside their homes or in their own conscience. Praying to the God of Abraham, Isaac and Jacob or invoking Allah, the neophytes claimed to be the “Other” in the Portuguese society and preserved their traditions and ancient faith. Freedom was obtained by fleeing to other regions, inside Europe or North Africa and Turk empire. Business and trade provided for this exit and religious freedom was found in Italian Cities, in the Turkish Empire or in Morocco. Living between two religions, and seeking for the true God and the salvation of the soul, the «cristãos-novos» were divided between «being» and «not being». Departures and arrivals were nurtured by the assumption of an identity simultaneously wanted and feared.

Keywords: Jews, Muslims, Neophytes, Diaspora, Religion, Business.

* Por decisão da autora, o texto não segue o Acordo Ortográfico de 1990.

A 5 de Dezembro de 1496, D. Manuel decretava a expulsão de judeus e de mouros forros que residiam, há séculos, em Portugal, em clima de convivência e tolerância com a maioria cristã. Portugal e a Espanha deixavam de ser os reinos das três religiões do Livro para se afirmarem seguidores de uma única religião, a cristã católica. Primeiro Portugal, a seguir a Espanha dos Reis Católicos.

Mas o comportamento do Venturoso não seria igual para com as duas minorias: uma, a muçulmana, podia partir se o desejasse; a outra, a judaica, seria coagida a receber as águas do baptismo porque o monarca não estava interessado em perder os conhecimentos e as riquezas que ela geria e gerava. O édito apenas respondera à pressão espanhola e à ambição do jovem monarca em casar com a infanta Isabel, viúva de D. Afonso, o malogrado filho de D. João II, e assim realizar um possível sonho de união das duas coroas. Daí que, ao contrário do édito português que abrangia as duas minorias, a ordem de expulsão dos Reis Católicos, recentes conquistadores de Granada, apenas se tivesse exercido sobre a minoria judaica e não sobre a muçulmana que permanecia em Espanha com a liberdade de culto e veria o seu número alargado com a emigração dos mouros portugueses¹.

Com a conversão forçada da maioria dos sefarditas, da minoria moura que aqui permaneceu e dos guinéus muçulmanos² a que se juntariam índios e outros povos pagãos, o reino reteve no seu seio um corpo heterogéneo de milhares de pessoas que, sem qualquer espécie de catequização ou de conversão pessoal interior, se tornou, legalmente, cristã. Esta imposição religiosa, um absurdo, mesmo aos olhos da Igreja e do direito canónico, produziu um tumor social e psicológico difícil de estripar. Uns e outros ansiavam pelo dia em que pudessem fugir, apesar das proibições e das penas se fossem apanhados, assim como para todos aqueles que os transportassem para o norte de África ou os conduzissem a barcos de outros reinos que lhes permitissem alcançar a Flandres ou as cidades italianas e daí a liberdade religiosa no cristianismo, sem a suspeição de cristãos-velhos nem o medo provocado pela actuação do Santo Ofício, ou o regresso ao judaísmo ou ao islamismo, em terras do Islão.

Foi o caso de Francisco Baião, o Gago, mestre de uma caravela de Setúbal que transportava mercadorias entre Lisboa e o Norte de África e que levava clandestinamente para o cabo de Guê e Tarudante mouriscos, em troca de dez mil reais que recebia *per capita*. No entanto, apesar de pagarem o contratualizado, nem todos chegavam ao seu destino como a moura Menin que, tendo sido a única passageira clandestina, foi lançada ao mar, não muito longe da costa portuguesa, durante a viagem, tendo o Gago ficado com todos os seus pertences em roupas, aljófar, ouro, prata e jóias. Já mais sorte teve

1 A. de la Torre; Luís Suarez – *Documentos referentes a las relaciones com Portugal durante el reinado de los Reyes Católicos*. Vol. III. Valladolid, 1963, p. 9-12; Sousa Viterbo – *Occorrencias da vida mourisca*. In *Archivo Histórico Portuguez*. Vol. V. Lisboa, 1907, p. 84 e 253-257.

2 *Ordenações Manuelinas*. Livro V. Lisboa: Centro de Estudos Históricos (UNL), 2002, p. 35-35v; 57v-58; 59v.

o mourisco D. Pedro, ou Cide Nasser de seu verdadeiro nome, e o seu companheiro que conseguiram ser transportados para o norte de África e desembarcados numa praia próximo de cabo de Guê e, assim, atingir Safim³. Outros não alcançariam o objectivo, tendo desistido por medo ou tendo sido presos pelas autoridades quando fugiam. Foi o caso de, por exemplo, Diogo de Melo, mourisco forro, cativo de Manuel de Melo, que seria apanhado quando fugia para terra de mouros em companhia de outros correligionários seus, entre os quais Francisco Mexia. Com eles iam cinco casais e outros indivíduos muçulmanos que também acabariam presos e conduzidos aos cárceres da Inquisição de Lisboa⁴.

Mas a minoria islâmica, mourisca ou elche – os cristãos que abjuraram o cristianismo e se converteram ao Islão, como o genovês Pantaleão, raptado pelos turcos em criança⁵, e que fora feito prisioneiro pela armada portuguesa quando era arrais de um barco turco – permaneceria sempre num número pouco significativo para ter impacto na sociedade portuguesa ao contrário dos cristãos-novos de origem judaica.

Estes, mal catequizados, sem qualquer espécie de ensinamentos cristãos, preparatórios para o baptismo e o crisma que tinham recebido à força na sua grande maioria, seguros da garantia dada por D. Manuel de que nos próximos vinte anos não iria inquirir sobre o seu comportamento religioso nem lhes confiscaria os bens, se fossem acusados de heresia, deixaram-se viver numa dormência em que, sob a aparência de cristãos, permaneciam judeus secretos, tanto mais que a promessa iria sendo sucessivamente confirmada, inclusive pelo sucessor no início do seu reinado⁶. O soberano concedia-lhes o tempo de uma geração para se catequizarem e converterem, o que não viria a suceder com a maioria deles. No entanto, esta concessão régia era incerta e dúbia porque as ordenações do reino determinavam a perda dos bens para além das penas corporais, independentemente de haver ou não descendentes, para todos os hereges. Aliás era com este item que abria o livro quinto das ordenações do Venturoso⁷ pelo que depressa seria esquecido o privilégio manuelino, com o estabelecimento do Tribunal do Santo Ofício em Portugal, no tempo de D. João III, no ano de 1536. Mas se o poder político cedo o ignorou, tal já não sucedeu com os cristãos-novos que lutariam pelo cumprimento das promessas manuelinas junto da Santa Sé e dos reis futuros, com maior ou menor sucesso depois que a Inquisição à maneira romana seria imposta em Portugal, no ano de 1547.

3 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 167 (PT-TT-TSO/IL/28/167), fot. 14-21. Por comodidade de consulta, indicarei as “páginas” do microfilme e não os fólios do processo, sempre que a consulta incidir em processos que se encontram *on line*. Nos processos manuscritos, infelizmente, teremos as duas hipóteses, fólios numerados, ou não, consoante tivesse sido permitido fazê-lo na altura da consulta.

4 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 259 (PT-TT-TSO/IL/28/259).

5 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 706 (PT-TT-TSO-IL/28/706).

6 Maria José Ferro Tavares – *Judaísmo e Inquisição: estudos*. Lisboa: Editorial Presença, 1987, p. 36.

7 *Ordenações Manuelinas*. Livro V, p. 1.

De facto, a sociedade portuguesa, sob a capa da unidade religiosa, tinha no seu seio um corpo que, maioritariamente, no seu íntimo se sentia em “cativeiro”, se auto-excluía porque se auto-definia como um “outro” diferente pela sua identidade histórica, religiosa e tradicional, tal como os muçulmanos. Mas no caso dos judeus, pelo número, pela importância económica, cultural e pelo peso social que detinham, o rei desejava a sua integração efectiva, pois eles eram vitais à economia do reino como artesãos, mercadores e banqueiros, já para não falarmos também que eram necessários às relações diplomáticas com o Norte de África ou como informadores em terras do Turco, perante a investida deste para Ocidente ou para a defesa das nossas possessões no Índico⁸.

Mas não era um corpo homogéneo, o dos descendentes dos judeus. De facto, nele havia um corpúsculo que se auto-segregava e que queria diferenciar-se da maioria cristã-nova porque não se identificava com esta, porque pertencia aos conversos castelhanos. Estes, como bem notório era pelo processo do sirgheiro Pedro de Jáen, o Romano, residente em Lisboa e natural de Roma, conforme declarava aos inquisidores, não se desejava confundir com os judeus recém baptizados e só muito relutantemente mencionariam, ele e a irmã, que os seus antepassados tinham sido seguidores da Lei de Moisés. Havia quatro gerações que eram cristãos confessos⁹.

No entanto, a integração plena dos cristãos-novos seria lenta, com difícil catequização para muitos deles. Se sabiam recitar o Pai-Nosso, já mais difícil eram as orações marianas e o Credo. Neste, muitas vezes, ficavam pela recitação do início: «Creio em Deus pai todo poderoso, criador do céu e da terra», o que se associava à invocação que muitos proferiam a «Deus dos céus». Não esqueço os últimos momentos de vida de um ancião cristão-novo, preso nos calabouços da Inquisição de Lisboa, que, perante a insistência dos padres em que recebesse a extrema-unção que ele recusava, apenas recitou aquele início do Credo. As gerações mais novas começavam a saber a doutrina cristã, pelo menos as orações, mesmo quando ignoravam os dez mandamentos ou os pecados mortais, e diziam-nas em latim ou em português. Já mais difícil era a identificação dos dias santos e das festas principais.

Mesmo quando as sabiam, os descendentes dos antigos judeus não deixavam de se declarar judeus, filhos e netos de judeus. A identidade estava-lhes no sangue. E assentiam nela declarada ou caladamente. Os cristãos de origem continuavam a ser considerados *goim*, como podemos ler em vários processos de diferentes proveniências mas que exemplificamos com um grupo de cristãos-novos de Beja, detidos na Inquisição de Lisboa, quase cem anos depois do baptismo forçado de que iremos respirar

8 Maria José Ferro Tavares – Judeus de sinal em Portugal no século XVI. In *Cultura, História e Filosofia*. Vol. V. Lisboa: Centro de História da Cultura (UNL), 1986, p. 339-363; Maria José Ferro Tavares – Judeus, Cristãos-Novos e os descobrimentos portugueses. *Sefarad*. 48:2 (1988) 293-308.

9 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 3493 (PT-TT-TSO/IL/28/3493).

o de Pedro Soares da Ribeira, mais à frente. Também pertinaz seria a afirmação dos descendentes dos judeus que ainda, em pleno século XVIII, se declaravam uns aos outros judeus, gente da nação ou da casta dos judeus¹⁰ e desenrolar-se-ia ao sabor dos próprios interesses económicos dos cristãos-novos, a que não era indiferente o interesse pelos novos territórios de África, América e Índia explorados por portugueses e espanhóis. Estes novos territórios foram o passaporte temporário para a liberdade religiosa dos convertidos, porque longe dos olhares indiscretos dos cristãos-velhos e longe da ignorância sobre o seu passado ancestral.

Alimentava a assumpção dos cristãos-novos como um “outro” povo, diferente da maioria cristã velha, a própria realidade interna de um reino que convivia, quer em ambiente de guerra, quer em ambiente de paz, com um Norte de África maioritariamente muçulmano mas com comunidades livres de judeus “de sinal” que circulavam livremente como mercadores, embaixadores e espões ao serviço dos reis cristãos e dos xerifes marroquinos. Também no Oriente, os portugueses encontravam judeus na Índia, em Ceilão e no mundo turco que informavam os seus antigos correligionários sobre as comunidades judaicas de Damasco, Alepo, Cairo, Alexandria e outras e os convidavam a abandonar o cristianismo¹¹. Neste amplo espaço, a guerra, as tréguas e o comércio coabitavam num clima de afrontamento do cristianismo com os povos ditos infiéis ou com aqueles que, tendo uma origem peninsular, se apresentavam como hereges porque tinham abjurado o baptismo recebido.

Se a circulação de judeus, de notícias e bens era um facto, a verdade é que, nas praças portuguesas conquistadas no tempo de D. Manuel, como Azamor, Safim e Mazagão, a minoria judaica tivera permissão para permanecer na sua fé ancestral no interior das suas comunas. Só em Safim, Damião de Góis mencionava quatrocentas casas de judeus que deveriam perfazer cerca de 2000 indivíduos¹². Rabi Abraão (Benzamerro) diria especificamente que, naquela cidade, a maior parte dos habitantes judeus era de origem portuguesa o que, obviamente, criava um grande dilema ao poder político que, no entanto, em 1509, se comprometia a não expulsá-los nem a baptizá-los à força¹³. Também no Oriente, os cristãos-novos iriam reencontrar familiares e conhecidos que tinham conseguido atingir terras do Turco.

A mobilidade de uns e de outros alimentava a fé interior de muitos cristãos-novos que residiam em Portugal, a que não era alheia a cisão no seio da cristandade com Lutero, Henrique VIII ou Calvino, entendida como a vinda próxima do Messias

10 Maria José Ferro Tavares – Os cristãos novos e o povoamento do Brasil. In *Discursos: estudos em memória do Prof. Doutor Luís Sá*. Lisboa: Universidade Aberta, 2000, p. 17-31.

11 O exemplo mais conhecido é o itinerário de Frei Pantaleão de Aveiro pelas paragens do Médio Oriente e norte de África: Frei Pantaleão de Aveiro – *Itinerário da Terra Santa*. Ed. António Baião. Coimbra, 1927.

12 Damião de Góis – *Crónica do felicíssimo rei D. Manuel*. Vol. II. Coimbra, 1953, p. 57; João Cosme – *A guarnição de Safim em 1511*. Lisboa: Caleidoscópio, 2004, p. II, 52, 71, 123, 126, 127, 133, 155.

13 ANTT, *Fragmentos. Documentos de Marrocos*, maço 2, nº 115; Maria José Ferro Tavares – *Judaísmo e Inquisição...*, p. 39.

dos Judeus e da libertação dos cristãos novos do cativeiro em que se encontravam, crença que seria fortalecida pelas trovas do Bandarra que circulavam entre a população cristã-nova¹⁴. De facto, alguns desses visitantes eram portadores de notícias de familiares e amigos que tinham conseguido dar o “salto” para terra de mouros ou para o Golfo (a Turquia) e aqui, abjuraram o cristianismo e assumiram-se de novo judeus. A fuga para “terra de mouros” era uma expressão lata que indicava o norte de África e se estendia pelo “Golfo” ou Turquia, via Mediterrâneo ou via Ormuz. Interessava que fosse vaga, não fosse o familiar ou o amigo ainda se encontrar em terras cristãs da Península ou nas praças do norte de África portuguesas.

A fuga era a liberdade sem medo de olhares indiscretos, de denúncias de amigos e parentes. A intranquilidade provocada pelas possíveis indiscrições ou denúncias de familiares próximos ou conhecidos fazia os adultos tomarem cuidado com quem conversavam sobre assuntos da fé ou sobre o que pensavam sobre a religião e os seus problemas. O mercador Bento Rodrigues confessava que falava sobre a Lei de Moisés e o Messias com a mulher e o filho Diogo Rodrigues, mas já não o fazia com as filhas porque não se fiava delas¹⁵. Já o bacharel Pedro Mendes, um ancião cristão-novo, condenara o enforcamento e o esquartejamento do Caldeira, penitenciado por professar ideias luteranas, porque estes eram cristãos, junto da filha Simoa Mendes que se apressaria a denunciá-lo ao Santo Ofício. Talvez preocupada com o que pudesse suceder ao seu velho pai, acrescentaria que ele já tinha sido preso por ser desassissado. O mesmo acontecia com a irmã Genebra Mendes que ficara perplexa com os comentários que o pai fizera sobre a confissão. A elas juntar-se-ia Simão Mendes da Cruz, clérigo de ordens menores, que fora aconselhado por frei Luís de Granada a vir dizer no Santo Ofício o que sabia sobre o pai. Para ele o progenitor andava errado na fé, afirmando que cada um se salvava na sua Lei e não acreditava que o Messias já tivesse vindo¹⁶. Tal como acontecia com os comentários que podiam ser perigosos mesmo quando ditos no seio da família, o mesmo sucedia com as partidas para que pudessem ter sucesso. O segredo era fundamental, mesmo junto dos entes mais queridos.

Para o Golfo ou para a Turquia constara que partira Fernão Rodrigues, de alcunha “vai-te ao sol”, natural e residente em Lamego¹⁷. Já Pedro Drago, filho de Mécia Drago, fizera constar que tinha ido para o Peru. Mas, em Cádiz, tomara o barco para Itália, onde um irmão seu, António Drago, falecera em Pisa. A informação que a mãe fizera constar e manteria junto dos inquisidores procurava evitar que a fuga do filho fosse descoberta, pois ia tomar conta da fazenda que ela e os filhos possuíam em Pisa,

14 Por exemplo, ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 3269 (PT-TT-TSO/IL/28/3269), fot. 21-29; Maria José Ferro Tavares – *Los Judíos en Portugal*. Madrid: Ediciones Mapfre, 1992, p. 187-259.

15 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 3284 (PT-TT-TSO/IL/28/3284), fot. 13-16.

16 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 3313 (PT-TT-TSO/IL/28/3313), fot. 5-14.

17 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 35 (PT-TT-TSO/IL/28/35), fot. 110-111.

Pádua, Veneza, na Turquia, incluindo em Safed, onde iria ter com o feitor de Beatriz Benveniste. O apelo a esta família cristã-nova fora feito por este que, em carta entregue por Vicente Pinto, judeu de Salónica ou de Damasco, lhes anunciava o falecimento do filho António Drago que se fizera judeu em Pisa e que deixava viúva judia a residir em Safed. O objectivo era trazer Pedro Drago ao judaísmo, se quisesse tomar posse dos bens e dos negócios, através do casamento com a cunhada, embora deixasse mulher, cristã-velha, em Lisboa, provavelmente na esperança de mais tarde ou mais cedo se poderem reencontrar todos em liberdade em terras do Turco. Aliás, tal desiderato não seria difícil pois a filha mais nova de Mécia Drago, Inês, casara em Lisboa com Nicolau Corvão, mercador flamengo, o qual poderia vir a ser um possível passaporte para a passagem da família para terras da Flandres sem levantar grandes suspeitas aos oficiais da Inquisição, se não tivesse falecido em S. Tomé, onde tinha negócios¹⁸.

O irmão mais velho, Diogo Rodrigues Drago, ficara em Lisboa porque tivera receio de ser denunciado por desejar dar o “salto”. Arrependido, porque se sentia judeu e praticava actos da Lei Velha, contactou com Manuel de Almeida, reconciliado que viera da Turquia, sobre qual o melhor caminho para Safed. Para convencer este a acompanhá-lo prometia pagar-lhe todas as despesas com a viagem de regresso àquelas paragens de origem. Também conversou com outro cristão-novo que fugira para o Levante, regressara e fora preso, chamado Pedro Lopes, acerca do modo como viviam os judeus naquelas regiões, tendo-lhe perguntado também se sabia notícias do irmão que para lá partira. Na sua confissão, declarava ter praticado diversos jejuns, incluindo o *quipur*, guardado o sábado, festejado a Páscoa do pão ázimo. Afirmava ter comido pão molete e pão do “calo”, “que era ázimo, muito saboroso e sem sal” pela guarda do sábado e pelo *quipur*, pães que a mãe lhe dera mas que esta negava nas suas confissões, mas acrescentava, reconhecendo que, se o filho o confessava, era porque seria verdade, mas ela não se lembrava. Esclarecia Diogo Rodrigues que sabia que o pão era ázimo porque lhe parecia “betumado” e mais pesado do que o outro pão¹⁹.

Um outro Drago, João Baptista, viera de Veneza para o reino depois de passar por Ferrara e pela Flandres, a fim de receber a sua parte nos negócios da família. Em Lisboa, encontrou-se com os tios Manuel e Bartolomeu Drago, homens de negócios com interesses em S. Tomé e no comércio dos escravos de Angola para o Brasil. A sua apresentação na Inquisição de Lisboa de onde saíra penitenciado, fizera os tios encaminhá-lo para S. Tomé. Aqui estavam outros parentes como o primo Bartolomeu Drago Soares que o informaria do esquema que tinham montado para salvar os cristãos-novos da Inquisição e levá-los para Ormuz ou para a Flandres. Os negócios eram a capa para a fuga. Mas, desentendimentos por causa da repartição da fortuna fariam

18 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 2370 (PT-TT-TSO/IL/28/2370), fot. 26-49.

19 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 3274 (PT-TT-TSO/IL/28/3274), fot. 3-8; 17-40.

João Baptista denunciar junto do bispo de S. Tomé os familiares e os cristãos-novos da ilha como judeus. Entretanto, ele abandonava a ilha e o reino²⁰.

Crédulos, muitos cristãos-novos confiavam nos que tinham regressado ao reino depois dos pais ou eles terem ido para o Levante. Também o jovem mercador Rodrigo Martins acreditou no professor de gramática hebraica de seu irmão o jurado António Martins. O mestre era um judeu levantino que viera ao reino e se fizera baptizar, tomando o nome de Alexandre Carioso. Era natural de Veneza e andara por terras da Turquia. A curiosidade sobre estas paragens longínquas e, talvez, o desejo de se vir a assumir como judeu levava Rodrigo a conversar com Alexandre e a confessar-lhe que queria partir para Flandres ou para a França. Convidava-o a acompanhá-lo e em prova da sua boa fé dera-lhe duas cartas de embarque para Veneza: uma com o porto de saída de Cádiz e a outra de Barcelona²¹.

Também proveniente do Levante era Francisco Tomás que partira de Viana do Castelo com os pais e os irmãos, ainda criança. Em Ferrara a família assumira-se judia e a criança fora circuncidada e tomou o nome de Isaac. Os pais foram para Salónica. Quando chegou a altura de ser adulto, tomou conta dos negócios e veio para França onde passou a negociar com Lisboa e com a Madeira. Infelizmente para ele, cruzou-se em Lisboa com um Duarte Caldeira que o conhecera em Ferrara como judeu e o denunciou na Inquisição²².

Diogo Marcos foi apresentar-se ao Tribunal do Sto. Ofício de Lisboa onde narrou a sua história de vida. Nascera em Trancoso. Um dia, jovem, partiu para partes longínquas com o dinheiro que roubara ao pai. Tomou o caminho para Itália. Estivera em Florença, e daqui foi para Ferrara com Manuel Pinheiro, cristão-novo, natural daquele concelho e com os filhos que já se tinham feito judeus e tinham casa nesta última cidade italiana. Aqui deixou-se circuncidar e tomou o nome judeu de José. A cerimónia tivera lugar em casa de Manuel Pinheiro e exercera o acto o rabi Carvalho que vivia também em Ferrara. A partir daquele momento passou a frequentar a sinagoga onde aprendia as orações judaicas, catequese que era continuada em casa pelos Pinheiro. Rezava a “*Shema Israel*” juntamente com estes, a “*Amida*”, fazia os jejuns judaicos, guardava o sábado, jejuava o *quipur*, o jejum da Rainha Ester, celebrava as Páscoas e acreditava que o Messias ainda não tinha vindo. Não comia os alimentos defesos pela Lei. Guardou tudo isto durante dez anos, andando por Ferrara, Florença, Luca e Mântua, vivendo entre os judeus e comportando-se como um deles. Casara com uma jovem judia de Salónica, chamada Palenciana, portuguesa, natural de Abrantes ou de Castelo de Vide de quem teve um filho. Entretanto, enviudara e desejou regressar ao reino. Para tal embarcou numa nau veneziana que acabou aprisionada por corsários franceses que

20 ANTT, *Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor*, liv. 194, fls. 112-120.

21 ANTT, *Inquisição de Lisboa, Cadernos do Promotor*, liv. 192 (PT-TT-TSO/IL/030/0192) _m0037-40.

22 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 8937.

o largaram em Marselha. Daqui regressou a Itália, agora identificando-se como um soldado derrotado nas guerras, mas utilizando um percurso curioso. De terra, pelo sul de França, chegou a Barcelona e aqui tornou a embarcar para Nápoles de onde seguiu para Roma, com o objectivo de obter o perdão papal. Porém, chegaria a esta cidade na altura em que o pontífice tinha falecido. Explicou ao que fora ao doutor António Lopes, também ele natural de Trancoso e que estava na cidade dos papas, que o aconselhou a vir para Lisboa e a apresentar-se ao Santo Ofício. Aqui identificou-se como filho de Marcos Dias, mercador, e de Isabel Mendes que entretanto falecera, segundo soubera no caminho de regresso. Tinha três irmãos e quatro irmãs²³.

Mas os caminhos para a liberdade eram ínvios e de difícil alcance, muitas vezes com regresso a Portugal, onde estavam as origens e uma parte, talvez significativa, dos negócios com ramificações em diversas regiões do império português. Para muitos a emigração era um drama interior de procura sobre qual o verdadeiro caminho a seguir para a salvação da alma, sobre qual era a verdadeira religião e o verdadeiro Deus. Como alguns declaravam não eram cristãos, nem judeus e sentiam-se rejeitados por uns e por outros²⁴. O drama interior, a dúvida sobre qual a verdadeira religião para a salvação eterna, fazia Leonor Lopes confessar aos inquisidores de Évora, que julgava cumprir a Lei de Deus, entendendo nesta expressão a Lei Velha e a Nova, pois ambas se cantavam na igreja. Ou Isabel de Medina confessar-se dividida entre o cristianismo e o judaísmo, pois quando se encontrava na igreja acreditava na fé cristã, mas quando se lembrava que os seus pais e avós tinham sido judeus, duvidava e não sabia qual o caminho da sua alma para a salvação²⁵. Em carta a D. João III, mestre Simão escrevia o seguinte a propósito dos portugueses que residiam em Ancona:

«Dizem-me que são cristãos no ânimo e judeus no público por não poderem viver de outra maneira. Dizem que se são cristãos, os italianos os têm por marranos e não se podem deles ajudar e que os judeus os têm por cristãos e não os ajudam. De maneira que dizem ser-lhes forçado serem judeus. Não se entendem, nem são judeus nem cristãos. Têm por lei viver e ganhar»²⁶.

Entre o medo e a dúvida, os cristãos-novos decidiam-se pela errância no reino e na Península, ou pela fuga para outras paragens longe da Inquisição e dos olhares inquisitivos dos cristãos-velhos. Mas, na fuga, o perigo espreitava logo à saída da costa portuguesa. O “salto” era feito na clandestinidade e no secretismo em barcas de pescadores que os conduziam a troco de dinheiro até às urcas flamengas que aportavam em

23 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 3276 (PT-TT-TSO/IL/28/3276), fot. 3-10.

24 Maria José Ferro Tavares – Cristãos novos: um “barco com dois lemes”. Diáspora judaica no século XVI. In *Estudos e ensaios em homenagem a Vitorino Magalhães Godinho*. Lisboa: Sá da Costa, 1988, p. 239-250.

25 ANTT, *Inquisição de Évora*, nº 5090, fls. 77-79v; *Inquisição de Lisboa*, nº 5728, fl. 8, respectivamente.

26 *As Gavetas da Torre do Tombo*. Vol. I. Lisboa: CEHU, 1960, p. 656; Maria José Ferro Tavares – Cristãos novos: um “barco com dois lemes...”, p. 242.

Alcântara, Oeiras, Cascais ou Setúbal. Estêvão Rodrigues, pescador “do alto”, residente em Alfama, confessava ter transportado em 1548, pelo S. João, cerca de cem famílias cristãs novas, casais com filhos pequenos e escravos, até às urcas flamengas que estavam uma em Cascais e a outra em Oeiras. Pagavam-lhe cinco mil reais por pessoa pelo referido transporte. Iam para a Flandres. Entre estes estava Diogo Brandão, mercador, natural de Barcelos, que confessou ter vindo para Lisboa com a mulher grávida e outras pessoas para partirem para aquela região da Europa. Embarcaram num batel no cais da Rocha, tendo para o efeito dado 15 cruzados de ouro a um alcaide da cidade que lhes indicou o pescador que os transportaria. Porém, em Oeiras, o batel foi assaltado. Exigiram-lhes o dinheiro que levavam e obrigaram-nos a voltar para trás. Na luta, a mulher foi ferida e abortou. Episódio semelhante foi contado por Diogo Cerveira, também natural de Barcelos que chegara a Lisboa com outros contrerrâneos e com um grupo de cristãos-novos do Porto²⁷. Também o pescador André Fernandes foi acusado de transportar cristãos-novos ao porto de Setúbal para aí embarcarem nas urcas flamengas²⁸. Já Álvaro Fernandes conseguiu sair de Lisboa, depois de reconciliado, e ir para a Flandres num barco francês²⁹.

Azarados na partida foram os dois filhos de Margarida de Oliveira, viúva de Pedro Francisco, solicitador dos feitos do rei, que foram presos já fora da barra quando fugiam para o Golfo, muito provavelmente a Turquia, via Mediterrâneo. Já a tia tivera mais sorte e conseguira partir para a Flandres ou para Inglaterra³⁰. Também Diogo Gomes, gibiteiro, ancião de 75 anos, fora infeliz na saída rumo à Flandres. Ele e os companheiros foram apanhados em Cascais quando já se encontravam na urca que saía do rio rumo ao norte de Europa. Assumia-se judeu. Rezava diariamente a *Shema Israel*, guardava os sábados, jejuava os jejunos dos judeus e comia pão ázimo, feito pela mulher, enquanto esta fora viva, pela Páscoa dos judeus. Degolava galinhas ao modo judaico rezando «Louvado seja o Senhor Adonai, que nos ensinou a degolar esta ave». Interrogado por que razão queria ir para a Flandres, responderia que a isso o tinham aconselhado os bastardos de André de Távora, cristão-novo, já falecido. Conversava com Diogo de Montenegro sobre a Lei de Moisés e sobre a vinda do Messias. Acabaria entregue à justiça secular³¹.

Outros tiveram o frete contratado como um pai e filho cristãos-novos e uma senhora também cristã-nova que deveriam ter partido na urca de um mestre holandês que tinha tudo preparado para os transportar, se não fosse a denúncia de um Pedro Pires, marinheiro holandês, que tendo sido incumbido de os ir buscar, fora contar o

27 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 355 (PT-TT-TSO/IL/28/355).

28 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 1048 (PT-TT-TSO/IL/28/1048).

29 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 1923 (PT-TT-TSO/IL/28/1923), fot. 1.

30 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nºs 3920 e 2847.

31 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 59 (PT-TT-TSO/IL/28/59), fot. 3-13.

facto aos inquisidores. Na sua narrativa diria que o mestre tinha esvaziado algumas pipas onde os meteria e soltaria já no alto mar, tendo-lhes preparado o camarote do contra-mestre. Não esquecia de informar que o tal cristão-novo levava consigo dez balas de gengibre³².

Rui Dias, confeitiro do rei, tivera parentes queimados em Castela e em Roma. Foi acusado e confessaria estar a aprender hebraico e as cerimónias judaicas com o castelhano Montenegro que seria queimado por judeu e feiticeiro. Montenegro ensinava-lhe hebraico por uma Bíblia poliglota que continha o hebraico, o latim, o grego e o “caldeu” ou aramaico. A circulação de Bíblias era uma realidade em Lisboa, de tal modo que Rui Dias seria acusado de procurar quem possuísse uma Bíblia em hebraico ou em português. O confeitiro pensara abandonar o reino e ir viver na Flandres, tal como outro ancião castelhano de nome Simão Lopes, cristão-novo como ele. Deste desejo foram desaconselhados pelo Montenegro que afirmava que o Messias estaria para breve, na década de quarenta. Mas não era só este converso a atrair os cristãos-novos para o judaísmo. Abraão Benzamerro, judeu de sinal, também ensinara Rui Dias e outros a guardar as cerimónias judaicas e quando fugido à Inquisição recolhera-se em casa do livreiro e luveiro Jorge Mendes que também convivera com rabi Abraão Zacuto, astrólogo, e com Isaac Benzamerro, judeu de sinal. Jorge Mendes ouvira Zacuto predizer para breve os tempos messiânicos³³.

Também Inês Vaz perdera a oportunidade de partir para Flandres. Presa e interrogada sobre as razões porque queria sair do reino, confessava que lhe tinham dito que na Flandres a vida era barata, até que, pressionada pelo tormento, declararia que queria ir para esta região porque pretendia fazer-se judia³⁴. Manuel Dias e Inês Lopes também foram presos quando partiam com os filhos numa nau, junto a Belém. O objectivo era chegarem a terras flamengas. Interrogados, justificavam a fuga porque lhes tinham dito que a vida lá era barata e no reino estava tudo muito caro. Queriam sair por questão da sua sobrevivência económica e dos filhos pequenos que tinham de sustentar. Acrescentavam que iam para terra de cristãos, Antuérpia ou para França, onde pudessem viver do seu trabalho de alfaiate, ele, de cerzideira, ela. Em seu abono, declaravam que tinham embarcado de dia, quando não era proibido, e pensavam regressar ao reino quando tivessem a vida equilibrada. À margem, o notário escreveu que se iam fazer judeus, o que condizia com a acusação³⁵.

Igualmente tentativa frustrada tinha sido a fuga de Isabel Nunes, mulher de Henrique Correia, que se escondera em casa do bacharel Duarte Pinel ou Pimentel. Ela

32 ANTT, *Inquisição de Lisboa. Livro de Denúncias*, liv. 53 (PT-TT-TSO-IL-014-0053) –m0024-25.

33 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 3853, 3856 (Rui Dias, 1539) e nº 3858 (1541); nº 5322 (Jorge Mendes, 1539). Os Benzamerro eram judeus de Safim que vinham frequentemente à corte de Lisboa onde negociavam e davam informações ao rei D. João III sobre os assuntos do norte de África (Veja-se nota 2).

34 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 103 (PT-TT-TSO/IL/28/103), fot. 28 e 34-39.

35 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 660 (PT-TT-TSO/IL/28/660), fot. 13, 31-32, 35-36.

e o pai projectavam ir para França onde o pai tinha estado em negócios e conhecia o país³⁶. Já Isabel Lopes confiara num judeu vindo do Cairo, que se assumira cristão-novo com o nome de Miguel de Almeida, o mesmo confitente de Diogo Rodrigues Drago. Trazia para o reino notícias dos cristãos-novos de Ferrara. Isabel perguntara-lhe por Garcia Mendes, filho de mestre Pedro e irmão do físico da duquesa de Ferrara, o qual era pai de uma filha sua. Este deixara-a grávida quando fugira para Itália e ela ansiava por apresentar-lhe a filha e fugir do reino, onde pudesse ser judia, reaver as jóias que lhe dera ou não sentir medo. Aquele prometera levá-la consigo. O meio seria uma nau veneziana que estava prestes a zarpar do cais de Belém, em Lisboa. Mas Miguel de Almeida decidira ir denunciá-la à Inquisição³⁷.

Também Henrique de Queirós, mercador, declarava ao inquisidor de Lisboa que não sabia nada acerca do irmão Jorge Rodrigues que fora calceteiro do rei e que tinha saído do reino há cerca de quatro ou cinco anos, para depois dizer que tinha tido notícias por um mercador da Guarda de que ele se encontrava em Ancona. Com o tio fora a filha mais velha Beatriz Queirós e o marido, Manuel Fernandes, que fora tosador do infante D. Fernando. Tornava a repetir que não tinha notícias deles. Acrescentava que cerca de 50 cristãos-novos da Guarda tinham conseguido fugir do reino numa urca que acabara por naufragar nos bancos da Flandres e com ela foram ao fundo as pessoas e os bens que transportavam³⁸. João Pires, natural de Paivas, arredores do Porto, e morador em Lisboa traçou um plano de fuga para Itália, onde se iria juntar aos tios e sobrinhos que já lá se encontravam. A porta de saída seria Murça por onde entraria em Espanha e daqui tentaria chegar a Roma para se fazer judeu. Do seu percurso e viagem ninguém soubera. À mulher, cristã velha, que veio ao seu encontro em Santarém dissera que a viagem de ambos se prendia com a ida a uma romaria a Santa Maria da Serra. E fora isto que fizera constar. Talvez viesse a conseguir sair do reino, não fora João Pires ficar doente e ser internado no hospital. Aqui recusaria receber os sacramentos, o que levantou de imediato suspeitas a que se juntaram as perguntas sobre alguns cristãos-novos transmontanos, a quem queria pedir dinheiro para a viagem. Acabaria por ser denunciado e trazido preso a Lisboa³⁹.

O segredo e a sorte eram fundamentais para o “salto”. Por isso, muitos preferiam um percurso sinuoso, como aquele que já referimos e que foi tomado por Pedro Drago: por terra até Cádiz e daqui por mar para Itália. Ao mesmo tempo, fazia correr a notícia de que ia para o Peru. Outros, nos seus depoimentos aos inquisidores, declaravam a

36 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 716 (PT-TT-TSO/IL/28/716), fot. 9-14.

37 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 483 (PT-TT-TSO/IL/28/483), fot. 3-5.

38 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 865 (PT-TT-TSO/IL/28/865), fot. 46-49, 96-110.

39 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 881 (PT-TT-TSO/IL/28/881), fot. 41-48 e 71-73.

partida de familiares mas não sabiam o local onde se encontravam, nem se eram vivos ou mortos os parentes saídos do reino⁴⁰.

Mas as fugas tinham muitas vezes regressos com o objectivo de ajudar à ida de familiares e amigos, trazer notícias, tratar de negócios, ou activar a crença na Lei dos Judeus falando da esperança messiânica aos que no reino permaneciam. Diogo Gonçalves do Fundão fora para a Flandres e deixara lá a mulher quando regressara a Portugal. Aqui contactara em Lisboa com conhecidos e parentes, fazendo constar junto destes que o Messias estaria para vir em breve e levá-los-ia a todos para Jerusalém⁴¹. André Gonçalves Pimparel fora viver para a Turquia onde se fizera judeu e nesta fé morreria. Enquanto fora vivo escrevia cartas aos filhos, aos netos e a outros cristãos-novos que tinham ficado em Miranda do Douro, estimulando-os a perseverarem na fé judaica. Este seguira o caminho por terra, tendo ficado a viver uns anos em Espanha, antes de seguir para terras do Turco⁴². Também Afonso Mendes viera de Antuérpia para o reino onde acabara por ser preso. Nas suas vindas ensinava as sobrinhas Leonor Mendes e Violante Álvares, naturais de Mazagão e residentes em Lisboa, sobre a vinda próxima do Messias dos judeus. As notícias sobre como viviam os cristãos-novos na Flandres faziam-nas desejar a partida que acabaria por ser frustrada pela prisão do tio e das sobrinhas. Ao ser interrogada sobre a fuga do reino, Leonor Mendes responderia que a sair do reino seria para o Peru, porque a terra era muito mais rica que a região flamenga⁴³.

Se a Flandres era a porta para a liberdade, a verdade é que ela se apresentava também como o espaço da cristandade onde, sem levantar muitas suspeitas, os cristãos-novos se podiam fixar, estabelecer o seu negócio e vir a Portugal com mais facilidade do que se tivessem ido para as terras do Turco. Diogo Lopes era um jovem mercador de 15 anos que, pela segunda vez, vinha a Lisboa. Os pais e as irmãs encontravam-se a residir em Antuérpia, enquanto os tios permaneciam na capital do reino. A cidade flamenga era o centro da troca de informações entre cristãos-novos/judeus secretos e cristãos-novos/judeus assumidos. Aqui observavam-se os jejuns judaicos, cumpria-se o descanso sabático e as Páscoas, ao mesmo tempo que circulavam as informações sobre a vinda próxima do Messias, na década de 60, a qual era explicada pelos acontecimentos religiosos da cristandade e pelo avanço do Turco para Ocidente. Reuniam-se e comunicavam uns com os outros, ensinando os preceitos judaicos aos mais novos. Tal faziam os Camargo, Francisco Galindo, filho de Fernão Galindo, um Diogo Lopes Alemão, um Jerónimo Lopes que negociava entre Lisboa e Antuérpia. Estas notícias trazidas pelo jovem Diogo Lopes eram “bebidas” com avidez pelos familiares que as ouviam e

40 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 383 (PT-TT-TSO/IL/28/380), fot. 3.

41 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 103 (PT-TT-TSO/IL/28/103), fot. 46.

42 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 571 (PT-TT-TSO/IL/28/571), fot. 9-10.

43 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 1028 (PT-TT-TSO/IL/28/1028), fot. 3 e 19-20.

comentavam “assim seja, para nos tirar deste cativeiro”. Por vezes, na residência destes reuniam-se outros cristãos-novos que ficavam também a saber que muitos dos que tinham partido estavam a sair de Antuérpia e a ir para Jerusalém, onde se encontrava Beatriz de Luna (Benveniste), a fim de aí receberem o Messias que havia de libertar e conduzir à Terra Prometida os judeus e os cristãos-novos⁴⁴.

A crença na vinda próxima do Messias dos Judeus por parte dos cristãos-novos estava implícita numa oração que alguns rezavam. Beatriz Fernandes, natural de Cabeço de Vide e residente em Lisboa, encomendava-se a Deus dos céus e dizia: «Senhor, assim como abristes o mar em doze carreiras e livrastes o vosso povo do cativeiro, assim me dai saúde e a meu marido Simão Dias. Para nosso amparo mandai o Messias para nossa salvação»⁴⁵.

Também Miguel Rodrigues da Luz, mercador, e a mulher Leonor Rodrigues conseguiram embarcar com mais 150 cristãos-novos na urca do flamengo Simão Guer. Pelo caminho já se tinham assumido judeus pelo que jejuavam os *thanis* e guardavam o sábado. Desembarcaram em Ramua⁴⁶, de onde seguiram para Antuérpia. Desta cidade continuaram a viagem com outros cristãos-novos em direcção a Itália. Ferrara e Veneza foi o objectivo alcançado. Nesta cidade, Leonor Rodrigues declarou ao marido o desejo de ser judia e que na cidade dos doges ia esperar pelos pais que também queriam assumir-se judeus e ir viver para a Turquia. Entretanto, ele viera em negócios a Espanha e soubera que a mulher assumira-se judia em Ferrara, juntamente com os pais. De Espanha, Miguel Rodrigues deslocou-se para La Rochelle onde residiu durante cinco anos. Nesta cidade francesa era constantemente solicitado pela mulher, pelos sogros e por outros cristãos-novos para que fosse para Ferrara e se assumisse judeu. Então combinou encontrar-se com a mulher em Mântua e convenceu-a a ir viver com ele para Lyon.

Aqui reuniam com um pequeno grupo de cristãos-novos que se tinham fixado nesta cidade francesa, como Tomé Serrão, sirgheiro de Évora, que aí estava com os filhos e a mulher, Francisco Fernandes, sirgheiro, também de Évora, com a mulher, Manuel Ribeiro e Gaspar Ribeiro de Setúbal, mercadores, e uma filha deste último, Manuel Dias, alfaiate de Viana, mulher e filhos, André Pais, mercador de Lisboa, com a mulher e os filhos, e um seu cunhado físico que se chamava Fernão Dias com a mulher e a sogra, Galim Peres de Beja, sua mulher e filhos, Fernão Peres seu irmão, Vicente Lopes, o papo, de alcunha morador em Lisboa, e a sua mulher Branca, Luís Rodrigues e o irmão João Rodrigues, mercadores de Lisboa. Todos se declaravam judeus e viviam como tal, reunindo numa quinta, a meia légua de Lyon, contígua a

44 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 3269 (PT-TT-TSO/IL/28/3269), fot. 11-30.

45 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 380 (PT-TT-TSO/IL/28/380), fot. 17-22.

46 Ramua na Flandres pode ser identificada com Ostende ou com Middelburgo. Agradeço à Prof. Maria do Rosário Themudo Barata a informação preciosa sobre este porto, assim como a informação bibliográfica acerca do mesmo.

outra em que morava Galim Peres com a família. A esta cidade francesa viera visitá-los o filho de Galim Peres que fora fazer-se judeu na Turquia e que passou a ser o rabi deste grupo, lendo em hebraico a Torah e traduzindo-a para português, assim como lhes ensinava a recitação de orações em hebraico. Na celebração da Páscoa do pão ázimo que o filho do Galim orientara, todos comeram pão ázimo e folares e galinha, depois de terem cantado e rezado, cabeceando ao modo judaico.

De Lyon foram morar para Antuérpia. Nesta última cidade, Miguel Rodrigues e a mulher estiveram três anos sem judaizar com medo das autoridades, após o que regressaram a Lisboa com o objectivo de voltarem a ser cristãos. Na sua confissão, não esqueceria de informar que só em Ferrara residiam mais de 1500 cristãos-novos que tinham abandonado o reino e se tinham feito judeus. O rabi deles era um Oriel, cristão-novo português que fora frade, mas não sabia dizer a que ordem pertencera.

Com o casal viera também um Cristóvão Pinheiro, mulateiro (?), da Covilhã, possivelmente um descendente dos judeus Ergas que aqui viveram⁴⁷. Também ele fora apresentar-se aos inquisidores e confessar os tempos de emigrante em que vivera errado na fé⁴⁸.

Mas a Europa não era o único caminho para a vivência da fé judaica. O Norte de África e as praças portuguesas eram uma atracção a que o facto proximidade não era estranho. O ferreiro Diogo Fernandes seria acusado de ter ensinado aos filhos os princípios da Lei de Moisés, pelo que estes acabariam por emigrar para Fez, onde se converteram ao judaísmo. Um deles, judeu assumido, regressara ao reino e começara a ensinar a religião dos antepassados aos cristãos-novos. Interrogado pelos inquisidores, Diogo Fernandes negaria saber para onde os filhos tinham partido ou se algum deles tinha regressado a Portugal⁴⁹.

Azamor, Safim ou Mazagão eram locais onde se comerciava e onde cristãos-novos conviviam com os antigos correligionários. As praças portuguesas do norte de África eram local de proselitismo por parte de judeus, junto dos cristãos-novos, o que levava alguns a abjurerem o cristianismo. Foi o que sucedeu com Diogo Dias Pacheco ou *Coim (Cohen?) Pacheco* que foi soldado em Ceuta e aqui casou com a sua terceira mulher, uma judia chamada Ester. Era natural de Lagos e residia em Lisboa. Foi condenado por relapso⁵⁰. Também Rafael da Fonseca, mercador de Tânger, fora trazido preso para a Inquisição de Lisboa por suspeitas de judaizar, mas acabaria por falecer durante a viagem, junto a Alcácer do Sal⁵¹.

47 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 2877 (PT-TT-TSO/IL/28/2877), fot. 11-28. Cristóvão Pinheiro fora o nome cristão de Isaac Ergas da Covilhã (ANTT, *Chancelaria de D. Manuel*, liv. 16, fl. 55v). O companheiro de Miguel Rodrigues seria, talvez, um seu descendente.

48 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 4096.

49 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 2162 (PT-TT-TSO/IL/28/2162), fot. 3-14.

50 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 65 (PT-TT-TSO/IL/28/65).

51 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 1680 (PT-TT-TSO/IL/28/1680).

Em Mazagão, residira, durante mais de vinte anos, Diogo Pinto, mercador, com a mulher, os filhos e a sogra. Aqui, ele, a mulher e a sogra viviam como judeus tendo tido como mestre um cristão-novo de origem castelhana chamado Francisco Medina, já falecido. Com ele conheceram os jejuns judaicos de segunda e quinta-feira, celebraram a Páscoa do pão ázimo, comendo o pão ázimo, alfaces e aipo e guardavam o sábado na vontade. Os princípios da Lei judaica foram transmitidos ao filho mais velho que estava preso juntamente com eles nos cárceres da Inquisição de Lisboa⁵².

Mas as praças portuguesas do Norte de África eram um local importante para as transacções comerciais lícitas e ilícitas. Muitos destes intervenientes eram cristãos-novos que residiam em Lisboa mas tinham familiares em terras de mouros. Já referi num outro trabalho como os negócios e diplomacia ou espionagem andaram muito próximos nas deslocações dos judeus de sinal à corte portuguesa. Os Benzamerro, Rosales e Rute foram os intermediários privilegiados nestas transacções com o reino, a que não faltou o proselitismo secreto junto das famílias cristãs-novas. Este facto levaria a Inquisição de Lisboa a interessar-se pelas suas actividades e a prender Moisés Rute, com evidente prejuízo para a diplomacia paralela que estes judeus faziam⁵³. Muitos cristãos-novos faziam constar que se iam fixar em Tânger, mas partiam para Tetuão, como um grupo de Lamego, outros partiam para Marrocos⁵⁴.

A fuga acompanhada de apostasia e o comércio das mercadorias defesas com os mouros, fariam com que todo este trato viesse a cair sob a alçada do Tribunal do Santo Ofício, dando-nos a conhecer um tráfico de mercadorias dos reinos do norte da Europa para Marrocos e de portugueses que se abasteciam aqui para vender na Flandres. Entre estes últimos, encontramos cristãos-novos, cristãos-velhos, mercadores italianos como os Catanho e Lucas Giraldo e até membros da casa real e da nobreza.

Francisco Baião, o Gago, o mestre de Setúbal que transportava mouros para o Norte de África, como já referi, seria também suspeito de transportar mercadorias defesas e de dar informações sobre as ilhas atlânticas, assim como sobre os melhores ventos e correntes marítimas para os mouros lá chegarem. Entre os seus contratadores, Francisco Baião tinha cristãos-novos como Fernão Rodrigues da Loja que negociava lacre, panos de cor e barretes com os mouros de cabo de Guê e Tarudante. No regresso, aquele trouxera cinco sacas com amêndoa e três com tâmaras que declarou na alfândega em nome de Fernão Rodrigues. Outras vezes trazia peles e cera. Este e Duarte Álvares carregaram duas urcas de mercadoria na Flandres que vieram com a armada das urcas até Lisboa e daqui se foram para o cabo de Guê. Ele e o filho Rui Fernandes mantinham um negócio entre a Flandres, Lisboa e o Norte de África, nomeadamente com Cabo

52 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 3277 (PT-TT-TSO/IL/28/3277), fot. 3-10.

53 Maria José Ferro Tavares – Judeus de sinal em Portugal no século XVI..., p. 339-363; Maria José Ferro Tavares – Judeus, Cristãos-Novos..., p. 298-301.

54 ANTT, *Corpo Cronológico*, parte 1, mc. 65, nº 89 e mc. 72, nº 30.

de Guê, Tarudante, Mazagão e Safim. O filho carregava as urcas, em Tarudante, com peles e açúcar as quais regressavam à Flandres. O Gago intermediava mercadorias de outros cristãos-novos, alguns dos quais tinham residência em Marrocos, como Rafael Rodrigues, pai de Duarte Rodrigues que estava sedado em Safim. O cristão-novo Duarte Álvares era outro mercador que contratava os serviços do Gago para levar mercadorias para Mazagão. Era um dos membros da sociedade de que fazia parte Lucas Giraldo e Fernão Rodrigues da Loja⁵⁵.

Nem todos regressavam ao reino. Muitos optaram por residir como judeus assumidos em Fez e Marrocos, representantes de familiares e conhecidos, constituindo uma rede comercial que negociava em açúcar, peles, lacre, frutos secos, panos da Índia, panos de cor ou desenvolvendo, paralelamente, o trato de mercadorias defesas com os mouros. Eram alfaqueques e mercadores. Entre estas redes familiares, encontramos a de João de Campos, cristão-novo, mercador e cavaleiro da casa real, que residia em Tânger. Daqui dirigia o comércio com Marrocos, tendo para o efeito os irmãos espalhados por diversas cidades portuárias da Península e do norte de África. Estêvão de Campos estava fixado em Cádiz, António em Tetuão, Bernardo e Pedro moravam ora em Marrocos, ora em Fez. Afonso auxiliava-o em Tânger. Negociava em roupa da Índia, lacre e especiarias com Fez, via Tetuão, e com Safim, via Mazagão. Um dos seus parceiros era Bento Rodrigues, cristão-novo e cavaleiro da casa real como ele⁵⁶.

Pedro Martins, meio cristão-novo, residia em Lisboa mas, antes, estivera em Azamor onde contactara com os negócios da região. Para o efeito, estabelecera uma rede familiar com os filhos. Diogo Martins estava sedado em Sevilha e Henrique Martins de Castanheda fixara-se na Berbéria. Os negócios desta família estendiam-se até às Canárias e às Antilhas⁵⁷.

Neste negócio nem todos eram cristãos-novos. Vicente Lourenço era intermediário entre as comunidades de judeus e de cristãos-novos. Para os judeus de Fez importava livros que lhe chegavam de Veneza. Nos negócios, a prata era a moeda principal de troca. Os judeus marroquinos, principais compradores dos portugueses, exigiam-na amoedada em *reales* de prata castelhanos ou em barra e recusavam a moeda portuguesa de tostões ou as patacas a pretexto de que tinham liga. Declarava Vicente Lourenço que a prata era aqui bom mercado, revertendo um lucro até 20%, pelo que os portugueses costumavam dizer que quem negociava com prata podia trazer ouro⁵⁸. A sua relação com os judeus permitira salvar o ourives cristão-novo Luís Jorge que tendo uma dívida para com os judeus de Fez, estes o queriam obrigar a abjurar o cristianismo em troca do perdão da mesma. Vivera cerca de oito anos entre mouros, circulando entre

55 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 167 (PT-TT-TSO/IL/28/167), fot. 3-45; 107-115.

56 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 5234; Maria José Ferro Tavares – Judeus e cristãos-novos..., p. 299.

57 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 6438.

58 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 12562, fls. 2-2v.

Tarudante e Marrocos, onde exercera sempre o seu ofício de ourives tendo chegado a dourar uma espada para o Xerife. Segundo Vicente Lourenço declarava, tinha-lhe constado a ele e a Francisco de Cisneiros, mercador de Sevilha que negociava com o norte de África, que queriam obrigar Luís Jorge a ser judeu. Tendo este garantido que queria ser cristão, pagaram-lhe a dívida de 50 cruzados e trouxeram-no para o reino. Rematava o depoimento Vicente Lourenço, chamando a atenção para o quão perigoso era os cristãos-novos irem para terra de mouros, pois os judeus queriam aliciá-los a abjurar o cristianismo⁵⁹.

No entanto, apesar deste favor ao conterrâneo que não queria ser judeu, Vicente Lourenço não hesitava nas suas confissões em denunciá-lo como mau cristão, não cumprindo os jejuns cristãos e as abstinências quaresmais. Além de Luís Jorge, eram incumpridores dos preceitos cristãos, Miguel Dias, Lopo Mendes, o já referido Pedro de Campos. Todos eles integravam a comunidade portuguesa de Tarudante⁶⁰.

Se uns partiam, outros regressavam à terra dos seus antepassados, a Sefarad ou vinham para a cristandade por curiosidade ou pelo gosto de conhecer o mundo dos cristãos. Apesar da Inquisição, desde cedo, judeus de origem decidiram vir a Portugal. As razões eram múltiplas a que não seriam estranhas as dificuldades que o Norte de África sentia agravadas pelos anos de seca e pela fome. Alguns seriam consultores dos inquisidores acerca da Lei de Moisés, como foi o caso de Pedro de Santa Maria⁶¹. Um outro caso similar era o de um judeu de Mazagão que veio à Península e a Portugal ao serviço dos Benzamerro. Luís de Calez (Cádiz), em judeu Muça, fora para Safim com os sobrinhos de Isaac Benzamerro e daqui viera para Lisboa, onde estivera cerca de três anos. No regresso a Arzila aportaram a Cádiz, onde foi preso sob a suspeita de ser judeu. Aqui foi baptizado e entrou em demanda com Benzamerro a quem requeria que lhe pagasse o serviço prestado. No decurso deste litígio fora a Xerez onde encontrou um Pedro de Crasto que também era judeu em Safim e ambos decidiram ir para Roma e daqui para a Turquia para alcançarem Jerusalém. Quis a desventura que fosse preso pela Inquisição de Sevilha e sambenitado. Conseguiu fugir e chegou a Mazagão onde ficou cativo do capitão que o tomou por um mourisco. Depois de várias peripécias para fugir, foi preso e entregue à Inquisição de Lisboa, onde esteve preso e foi condenado por relapso. Salvou-o a bula geral de 1547⁶².

Mas outros arrostavam os perigos dos cárceres do Tribunal de Santo Ofício por curiosidade e vontade de desejarem conhecer novos mundos. Foi o caso de José de Eça ou José Bari Job, nascido em Salónica. Era filho de Jacob e de Buena e estava casado com Oiro de quem tinha um filho adolescente de nome Jacob como o avô paterno.

59 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 3927 (PT-TT-TSO-IL/28/3927), fot. 3-6.

60 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 12562, fl. 17.

61 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 3294.

62 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 12315.

Veio para Portugal para se tornar cristão, tendo recebido o baptismo em Lisboa, na igreja de S. Roque, no ano de 1611, já com 32 anos, depois de ter estado preso em Évora e remetido para Lisboa a fim de ser catequizado e baptizado. Aqui casou com Violante Cardosa, natural do Ameal, arredores de Torres Vedras. Dedicava-se ao negócio da venda de panos da Índia e outros tecidos que comprava a Alberto da Áustria, judeu de nação, a quem devia mais de trinta mil réis.

Já baptizado, pretendeu regressar a Salónica para ir buscar a mulher e o filho e fazê-los cristãos. No seu caminho por terra, dirigiu-se ao Santo Ofício de Valladolid a pedir autorização para a deslocação. Seguiu para Veneza por um trajecto comum a outros cristãos-novos que se deslocavam para o Levante, onde podiam viver como judeus escondidos. A pedido dos inquisidores de Valladolid encaminhou-se para S. Juan de Luz, a fim de indagar quem eram os cristãos-novos que lá viviam como judeus, alguns dos quais mantinham negócios com Espanha ou com Portugal, como Diogo Machado, mercador, que também tinha residência em Madrid, e outros portugueses que viviam como judeus e frequentavam a sinagoga. De S. Juan de Luz veio para Alcalá e Madrid de onde seguiu para Veneza. Nesta cidade, vestiu-se como judeu levantino, tendo vivido no guetto, e entrou em Salónica onde soube que a mulher tinha falecido. Os sogros, desconfiados, recusaram-lhe entregar o filho.

No regresso, veio por mar até Marselha e por terra para Alcalá e Madrid onde comunicou com alguns portugueses que aqui residiam. A estes declarava chamar-se Gaspar de Almeida que era natural de Scopia, tinha estado em Salónica e vinha de Lisboa. Passou por Toledo onde foi confessar à Inquisição a sua deslocação a Salónica.

Desta sua viagem ou viagens trouxe informações preciosas para os inquisidores, quer sobre os que tinham partido e ainda viviam na Europa como judeus escondidos (Bordéus, Hamburgo, Amesterdão, Veneza), quer sobre os que permaneciam em Portugal e com eles tinham negócios.

Preso novamente e apesar das informações que trazia, a dúvida dos inquisidores sobre o seu comportamento era grande, sendo a opinião de alguns que ele viera até a Portugal para “conhecer o mundo”. Entre as várias testemunhas que apresentou, predominavam os judeus de nação e os judeus convertidos que residiam em Lisboa. Um dos acusadores era Fernão da Silva, judeu marroquino convertido, que acabaria preso e seria entregue ao braço secular por se declarar judeu e querer morrer como tal. João de Eça ou João de Sá seria condenado a abjurar de leve suspeita na fé, depois de ter sido posto a tormento no potro e ter mantido a negação da culpa⁶³.

Um outro exemplo curioso foi o de Francisco de Santo António, um judeu de Fez que poderíamos identificar numa imagem actual, como um “viajante do mundo”. Nasceu em Fez com o nome de Abraão Arruber. Filho de judeus, entrou ao serviço

63 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 16069 (José d'Eça, 1617).

do Xerife. Com cerca de 20 anos decidiu conhecer o mundo. Seguiu para Argel e depois para Tunes. Aqui aprendeu a tecer seda. De Tunes, embarcou para Livorno e foi conhecer a Itália. Esteve em Pisa, Florença, Bolonha, Ferrara e Veneza, território que visitou durante dois meses. Daqui passou a terras do Turco, tendo percorrido a costa leste do Adriático de onde se dirigiu para Constantinopla, onde permaneceu durante um ano. Desta cidade foi para o Cairo, gastando na viagem cerca de oito meses. Regressou de novo à Europa, atravessando o território turco, tendo entrado pela Hungria, visitado a Polónia e chegado a Amesterdão. Aqui ensinou hebraico na escola dos meninos, durante três anos.

Acusado de pedofilia foi expulso da comunidade judaica e fugiu para Antuérpia, onde, por necessidade, se fez cristão e foi baptizado no convento de Santo António. Regressou a Amesterdão onde procurou contactar a comunidade judaica mas sem sucesso. Por isso, decidiu ir para França após o que voltou a Amesterdão e a Antuérpia. Desta cidade flamenga veio para Espanha e Portugal. Foi até às Índias espanholas e esteve no Rio da Prata de onde regressou a Amesterdão e, via Antuérpia, a Portugal. Em Lisboa, seria preso sob suspeita de ser judeu, tendo sido denunciado por portugueses, cristãos velhos e novos, que o tinham conhecido judeu em Amesterdão e cristão em Antuérpia. Por aqui se quedou, pois tinha a viver em Torres Vedras um irmão que se convertera ao catolicismo e casara com uma portuguesa cristã velha. Mas a sua peregrinação de pouco mais de dez anos é o exemplo do viajante do mundo, onde a sobrevivência se misturou com a curiosidade de conhecer. Mas o seu passado não o largaria e seria novamente denunciado. Sairia com penas espirituais, pois os novos denunciadores não acrescentaram nada de novo ao processo anterior, mas foi condenado a degredo perpétuo do reino⁶⁴.

Entre duas religiões, em busca do Deus verdadeiro e da salvação da alma, os cristãos-novos viviam divididos entre o “ser” e o “não ser”. Alimentava as partidas e as chegadas a assumpção de uma identidade, bebida no leite materno, desejada e receada. Mercadores ou outros profissionais traziam dentro de si os genes da errância no reino ou noutras paragens, mais ou menos distantes, de preferência longe do Tribunal do Santo Ofício e das suspeitas dos cristãos-velhos. A sociedade e a necessidade de sobreviverem faziam deles “errantes”, judeus ou cristãos, mas sempre em busca de um local onde pudessem assumir a autenticidade do seu ser.

64 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, nº 4761 e 7442 (Francisco de Santo António, 1617-1621).